

## PRÁTICAS PORNOGRÁFICAS CONTRASSEXUAIS: UMA ANÁLISE DO PROJETO FOUR CHAMBERED HEART

Alessandra Pereira Werlang<sup>1</sup>

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

[alessandra.werlang@ufrgs.br](mailto:alessandra.werlang@ufrgs.br)

**Resumo:** A pornografia, como outras práticas institucionais e/ou cotidianas, age como instrumento de regulação do sexo. A constante reiteração performática de tais práticas pressupõe uma ordem natural da coerência sexo/gênero/desejo. Porém, é nas próprias práticas de reiteração que podemos achar fissuras para desconstrução desse modelo. Assim como o cinema, a pornografia é um campo de disputa entre as lógicas dominantes e tem potencial para desestabilizar tais conceitos, re-educando desejos e produzindo outras formas de um saber corporal (BALTAR, 2015). Com base nas teorias queer e pornográficas, o presente artigo busca explorar o conceito da contrassexualidade e analisar o projeto pornográfico Four Chambered Heart da performer Vex Ashley como potencial desestabilizador das práticas sexuais, identificando em seus vídeos movimentos técnicos e de conteúdo que remetem e exploram práticas contrassexuais.

**Palavras-chave:** *Queer*; contrassexualidade; pornografia; Four Chambered Heart.

### 1. Introdução

A pornografia é um aparato tecnológico de regulação do sexo entre outros diversos instrumentos, como as áreas da ciência, leis, entre outras estruturas sociais e construções culturais.

“As práticas cotidianas reafirmam e naturalizam, ecoam e ampliam, em múltiplos espaços e situações, a sequência que supõe que a identificação de um sujeito como macho ou como fêmea deve determinar seu gênero, masculino ou feminino, e também seu desejo pelo sujeito de sexo/gênero oposto. (LOURO, 2008, p. 90)

A construção dos sujeitos, tanto da sua identidade como a materialidade de seu corpo, será fruto da constante negociação entre fronteiras homem/ mulher, natureza/cultura, homem/animal...

Com base nas concepções de autores pós-estruturalistas, a teoria *queer* se desenvolve como instrumento para pensar essas práticas de construção do sexo/gênero e desconstruí-las. Preciado descreve o corpo como um texto, “um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados” (PRECIADO, 2017, p. 26).

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Jornalismo. Trabalho enviado ao ST Performatividades, Sexualidades e Invenções de Si

O sexo, formado pelos mecanismos de saber/poder, age como uma inscrição das normas no corpo. Ele recorta e transforma a materialidade dos corpos, atribui gêneros e impõe coerência de desejo conforme a lógica da reprodução sexual. Ações cotidianas, como atribuir um gênero conforme o sexo de um recém nascido, são práticas performáticas que assimilam essas concepções e dão a elas caráter de naturalidade (BUTLER, 2003). Porém, é nessas performances do discurso e do corpo que podemos observar contradições e desestabilizar normas. Apesar de procurarmos soluções aparentes quando encontramos a ambiguidade, como por exemplo atribuir ou extinguir o gênero, Laurentis afirma que “[...] a ambiguidade de gênero deve ser mantida - o que é um paradoxo aparentemente. Não podemos resolver ou eliminar a incômoda condição de estar ao mesmo tempo dentro e fora do gênero [...]” (LAURENTIS, 1987, p.219).

A pornografia é, portanto, campo de disputa entre lógicas dominantes. Assim como o cinema, ela é um meio sensibilização. Práticas contrassexuais dentro da pornografia tem sido experimentadas desde os anos 80, mas a internet e a popularização de câmeras digitais têm aberto novos campos de experiências como a pós-pornografia, a pornografia feminista ou feminina entre outras vertentes.

Nesse artigo, pretendo investigar na pornografia suas potências para perturbar essas normas e inaugurar outras formas de se relacionar com o sexo. Com base no trabalho feito pela performer Vex Ashley dentro do projeto Four Chambered Heart, proponho categorias que conseguem desestabilizar a ordem compulsória sexo/gênero/desejo.

## **2. Pornografia e contrassexualidade:**

A pornografia, como terreno de exploração da sexualidade, é lugar de marginalidade. A pornografia, como nós conhecemos, surge no século XIX (BALTAR, 2015) e provém dos recortes e censura de outras artes, como a escrita. Apesar de ser fortemente condenada, “as narrativas cinemáticas reunidas em torno do gênero pornográfico constituem-se um elemento poderoso entre os muitos discursos que relacionam saber/poder ao prazer sexual” (BALTAR, 2015, p. 134). Assim como o cinema, a pornografia é um local de afetos e experimentação, de re-educar desejos e de novas produções sobre um saber corporal (BALTAR, 2015).

A pornografia é ainda permeada pela lógica heterossexual e machista. Porém, seu potencial é grande para desestabilizar as lógicas de sexo/gênero/desejo. A democratização dos meios de produção de vídeos torna acessível a outros olhares começarem a compor, tanto o cinema quanto a pornografia (BALTAR, 2015).

A pornografia é um importante instrumento de fabricação contrassexual. Preciado apresenta o termo como proveniente dos pensamentos de Michel Foucault, no qual pensar uma contraproductividade é uma forma efetiva de resistência as produções disciplinares sobre a sexualidade. Nesse sentido, a contrassexualidade se constitui como uma forma de resistência ao produzir “novas formas de prazer-saber alternativas à sexualidade moderna” (PRECIADO, 2017, p. 22).

A pornografia feita sob ótica contrassexual seria um instrumento de desestabilização das lógicas compulsivas sobre o corpo. Algumas das táticas de contrassexualidade apresentadas por Preciado (2017) seriam: desejo e prazer devem ser entendidos como produtos da tecnologia sexual “que identifica o órgãos reprodutivos como órgãos sexuais, em detrimento de uma sexualização do corpo em sua totalidade” (PRECIADO, 2017, p. 23); os corpos não devem ser reconhecidos dentro das categorias de sexo/gênero, e sim estarem abertos a quaisquer possibilidades significantes.

Por isso corpos em relações heterossexuais também podem compor de tais relações, pois quaisquer movimentos que desestabilizam e invertem lógicas de regulação do sexo compõe a contrassexualidade. Além disso, performar certos atos não são um reforço da lógica da pornografia tradicional, mas desvelar como são constituídos. Assim como Drag Queens são potenciais desestabilizadoras do gênero por revelarem como esse sistema age, a pornografia pode apropriar relações heterossexuais e monogâmicas com intuito de revelar suas performances.

É importante ressaltar que revelar não pressupõe aqui uma naturalidade fundante que pode ser exposta. Mas sim da não naturalidade dos atos, pois “...não existe nenhuma realidade social para uma dada sociedade fora de seu sistema particular de sexo-gênero” (LAURENTIS, 1987, p. 237). O movimento entendido aqui é dar a ver representações que estão implícitas no espaço representado.

#### **4. Four Chambered Heart**

Four Chambered Heart é um projeto criado pela performer Vex Ashley em 2013. De acordo com seu site, a pornografia criada no projeto é um fruto de conhecimentos sobre “fotografia analógica, besteiras de escola de arte e sexo digital on-line”<sup>2</sup>. Four Chambers é

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.afourchamberedheart.com/about>. Acesso em 11 de dezembro de 2017. Tradução minha.

concebido “como uma ideia e uma colaboração contínua com a intenção de explorar o potencial estético e conceitual da pornografia como um meio para ideias”.

Com uma nova visão sobre o fazer pornografia, o Four Chambers faz parte de um processo de descentralização da produção pornográfica. Os filmes experimentam as relações sexuais de forma múltipla, utilizam fetichismo, BDSM, relações não monogâmicas, lésbicas, homossexuais e inter-raciais.

Sobretudo, brincam com a estética cinematográfica, apropriam elementos sonoros e iluminações que fogem da lógica pornográfica tradicional. O projeto se intitula uma espécie de “realismo mágico do pornô”, porém tenta evitar ao máximo cair em quaisquer gêneros fixos.

Os vídeos produzidos ressignificam a pornografia. Na pornografia tradicional, Mariana Baltar (2015) explica que são expressões frequentes a iluminação forte das genitálias, *close-up* de partes do corpo, coreografia de corpos de modo a visibilidade completa das genitálias, variedade de atos culminando no gozo, hiperrealismo e *close-up* sonoro e uso reiterado do plano ponto-de-vista. Formas não tradicionais do fazer pornográfico, como a pós-pornografia ou pornografia feminina, se utilizam dos aspectos potentes da pornografia tradicional. Os estereótipos, a centralidade no falo entre outros são elementos são usualmente descartados, porém o ponto-de-vista do espectador e *close-up* como forma de inclusão e sensibilização são elementos ainda muito utilizados.

Para melhor entender as práticas do projeto que aqui caracterizo como vinculadas ao *queer* e a contrassexualidade, trarei alguns vídeos como exemplos.

#### **4.1. Enquadramento**

Na pornografia tradicional, o tratamento dado ao enquadramento busca a centralidade do falo em cena. Com closes nas genitálias, o espectador deve enxergar as relações explícitas. Isso caracterizaria inclusive a pornografia, diferenciando de outros vídeos e filmes pelas relações visíveis.

Figura 1 - Frames de Atrophy Portraits



Fonte: print screen do vídeo. Disponível em: <http://www.afourchamberedheart.com/cinema>. Acesso 11 de dezembro de 2017.

O vídeo *Atrophy Portraits*, diferente da pornografia tradicional na qual a câmera segue o movimento dos performers, tem a câmera em posição estática durante todo o tempo. Aqui, o espectador ainda é atraído como parte da cena e em certos momentos a mulher permanece olhando para as lentes da câmera. O foco está todo nela e as ações sexuais acontecem na maioria no fora de campo. O *space-off*, ou fora de campo, consiste nas fronteiras da imagem, que são inferidas a partir do que é visível.

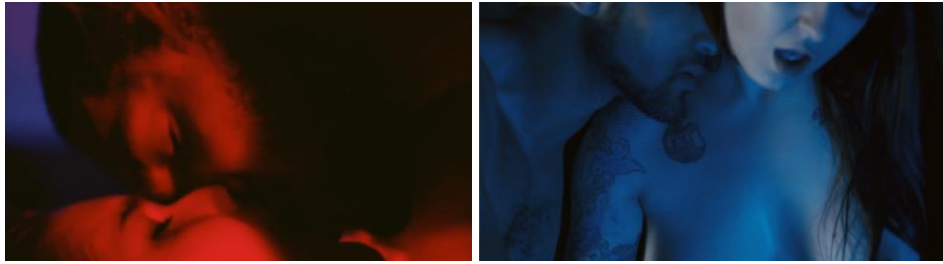
Laurentis caracteriza a prática de deixar o *space-off* visível como recorrente em vídeos experimentais

[...] o cinema de vanguarda nos mostrou que o *space-off* existe concomitante e paralelamente ao espaço representado, tornou-se visível ao notar sua ausência no quadro ou na sucessão de imagens, e demonstrou que ele inclui não só a câmera (o ponto de articulação e perspectiva através do qual a imagem é construída), mas também é o espectador (o ponto onde a imagem é recebida, re-construída, e re-produzida na/como subjetividade).” (LAURENTIS, 1987, p. 238)

Os movimentos fora das fronteiras da cena são potenciais de multiplicidades, subjetividades e interpretações. Ao invés de fechar as interpretações no campo visível, a fronteira permite que a imaginação trabalhe no seu complemento. Esse vídeo constrói um prazer no não visível, diferente da pornografia tradicional que se caracteriza pela hipervisibilidade.

#### **4.2. Luz e som**

Figura 2 e 3 - Frame de Lurid e Function/ Flesh



Fonte: print screen do vídeo. Disponível em: <http://www.afourchamberedheart.com/cinema>. Acesso 11 de dezembro de 2017.

A fotografia é um forte aspecto do trabalho do Four Chambered. Diferente da pornografia tradicional, que preza pelo hiperrealismo e iluminação forte, os trabalhos do projeto oscilam entre iluminações em cores fortes, iluminações claras, com aspecto de nevoeiro, e iluminações mais dramáticas, com luz forte e sombras.

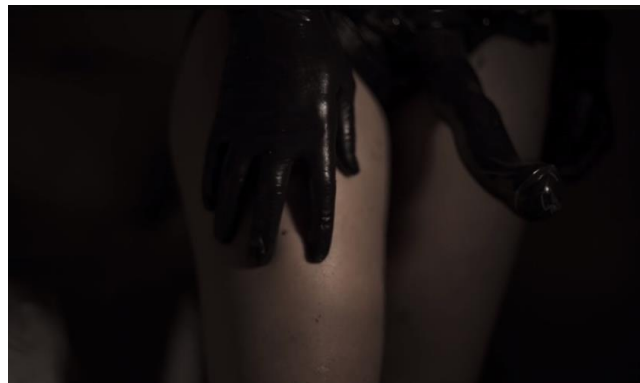
A iluminação constrói uma certa fantasia, dando a ver o trabalho na imagem e também a encenação das cenas. Desconstrói o preceito do porno tradicional da hiperrealidade.

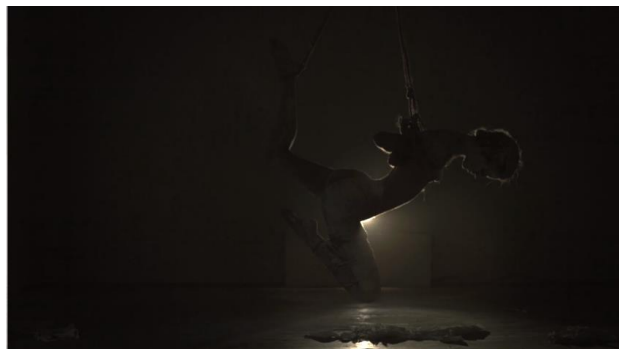
[...] o uso frequente de “imagens de sonho” surrealistas (dissoluções, superimposições, desenquadramentos, efeitos especiais) transfiguram a percepção objetiva em uma modalidade subjetiva. [...] A dissolução de um “sentido” cinematográfico por meio do barramento das “situações ópticas e sonoras puras” corresponde à desintegração de barreiras corporais e biográficas. (PIDDUCK, 2015, p. 59)

A inclusão de sonoridades externas, como trilhas, também é utilizada pelo projeto. Alheio ao que pode se pensar sobre um fazer pornográfico, aqui a música constrói o clima da cena tanto quanto os gemidos performados.

#### **4.3. BDSM e deslocamento do prazer**

Figura 4 e 5 - Frame de Pitch e Attrition





Fonte: print screen do vídeo. Disponível em: <http://www.afourchamberedheart.com/cinema>. Acesso 11 de dezembro de 2017.

O BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação e Submissão) e o fetichismo são práticas assimiladas em grande parte das comunidades LGBTs. Segundo Preciado (2017), dildos, anéis penianos, cintas entre outros objetos foram criados no intuito de regular a sexualidade, porém foram adaptados na construção de novas formas de prazer.

Apesar de tais práticas serem vistas muitas vezes como machistas e incentivadoras da violência, a intenção aqui não é um reforço do olhar sexualizador heterossexual e do corpo feminino como objeto voyeurista, mas sim o deslocamento do prazer centralizado nas zonas erógenas, mostrando outras possibilidades de prazeres.

Toda técnica que faz parte de uma prática repressiva é suscetível de ser cortada e enxertada em outro conjunto de práticas, reapropriada por diferentes corpos e invertida em diferentes usos, dando lugar a outros prazeres e a outras posições de identidade. (PRECIADO, 2017, p. 108)

Os dildos, por exemplo, não são um reforço da lógica do falo como essencial para uma relação sexual. O dildo denuncia o falo como instrumento plástico, tão artificial como o dildo, “mostra que a masculinidade está, tanto quanto a feminilidade, sujeita às tecnologias sociais e políticas de construção e controle” (PRECIADO, 2017, p. 78).

O BDSM multiplica as práticas sexuais e demonstra novas formas de prazer não ligadas a relação sexual no modelo tradicional. O desejo é produzido nesta experimentação que descobre o corpo pornográfico como grande zona erógena que não se limita ao que entendemos por órgãos sexuais ou objetos possíveis de gerar prazer.

## **5. Considerações finais:**

A pornografia, assim como as práticas cinematográficas, são regidas pelo olhar heterossexual. Porém, esse campo é de extrema potência em sensibilizar olhares. A

pornografia é uma tecnologia mobilizadora de desejos e pode ser utilizada como pedagogia do prazer.

[...]é interessante pensar a centralidade da pornografia como “pedagogia” político-cultural que se pauta pela eficácia da mobilização das afetações corporais, como uma espécie de “re-educação dos desejos” [...] Pedagogia que é da ordem dos afetos: ensinamento pelo corpo, com o corpo; pela e com a mobilização sensorial. (BALTAR, 2015, p. 132)

A pornografia, como qualquer tecnologia, pode e deve ser apropriada para experimentações e tessituras de novas formas de saber-prazer. Nesse campo, mais importante que seu conteúdo é a potência de sensibilizar os espectadores.

### **Bibliografia:**

BALTAR, Mariana. **Atrações e prazeres visuais em um pornô feminino.** In. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, Brasil, v. 42, n. 43, p. 129-145, ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Femininos em tensão:** da pedagogia sociocultural a uma pedagogia dos desejos. In: New Queer Cinema: Cinema, Sexualidade e Política. Murari, Lucas; Nagime, Mateus (orgs.) 1ª edição, jul. de 2015b

\_\_\_\_\_. **Tessituras do excesso:** notas iniciais sobre o conceito e suas implicações tomando por base um Procedimento operacional padrão. Revista Significação, v. 39, n. 38, p. 124–146, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

LAURETIS, Tereza de. **A tecnologia do gênero.** Indiana University Press, 1987. Disponível: <http://pt.scribd.com/doc/81873993/A-Tecnologia-do-Genero-Teresa-de-Lauretis>

LOPES, Denilson; NAGIME, Mateus. **New Queer Cinema e um novo cinema queer no Brasil.** In: New Queer Cinema: Cinema, Sexualidade e Política. Murari, Lucas; Nagime, Mateus (orgs.) 1ª edição, jul. de 2015

LOURO, Guacira Lopes. **Cinema & Sexualidade.** Educação & Realidade, v.33, n. 1, p. 81-98, jan./jun. 2008.

PIDDUCK, Julianne. **New Queer Cinema e vídeo experimental.** In: New Queer Cinema: Cinema, Sexualidade e Política. Murari, Lucas; Nagime, Mateus (orgs.) 1ª edição, jul. de 2015

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual.** São Paulo, n-1 edições, 2017